

A Criança Divina

Apenas de maneira superficial, podemos considerar forma e conteúdo separadamente. Portanto, eu já estava me referindo ao caráter central das criações patriarcais como se fosse o “herói”, ou seja, não o intitulei como o caráter principal e contrastante da história. Eu o chamarei de *criança divina*, introduzindo assim um conceito em que a expressão não fique tão óbvia nos livros, mas que, no entanto, seja parte da sua essência.

Como já vimos, os livros do tipo heróico têm uma qualidade mítica ou supernaturalista, que torna a palavra “divina” (ou seu oposto, “demoníaca”) explicitamente apropriada para descrever muitos dos seus personagens ou eventos. Já os trabalhos matriarcais, com componentes de humanidade (características e atributos humanos) não apresentam uma noção de uma ordem supernatural diferente ou além do natural. No entanto, apesar de que *um além* não faz parte de uma experiência ou atitude do autor, podemos falar de um *além intrínseco*, que significa uma qualidade divina em um mundo natural ao invés de separada dele. Em termos teológicos, podemos dizer que estes últimos livros nos apresentam uma visão de uma divindade inerente, enquanto que os do tipo legendários enfatizam uma divindade transcendente. A manifestação desta ordem transcendente constitui a essência da viagem do herói, mas não parte da vida de pessoas comuns. Em um sentido mais profundo do que o meramente descritivo, poderíamos dizer que os dois tipos de livro estão transmitindo a mesma mensagem: um toque do divino, um sentido da profundidade da vida, uma sugestão dos valores intrínsecos. Mas, enquanto os trabalhos do tipo heróico nos levam *para fora do comum e para dentro do extraordinário*, para fora da realidade humana e para dentro do supernatural, os trabalhos da classe em discussão apresentam *o extraordinário dentro do comum*, o supernatural incorporado ao natural, o divino encarnado ou inerente aos humanos. Uma visão da vida, onde não é feita nenhuma distinção entre Deus e o homem, a palavra deus perde seu sentido (assim como nas religiões não-teístas do Oriente: Budismo e Taoísmo). No entanto, o homem se torna dotado de inúmeras qualidades, atribuídas ao divino pelo ponto de vista dualístico. É nessa medida que estes livros são escritos: a partir do ponto de vista de tais experiências de vida. Neles, os valores intrínsecos (estéticos, humanos, religiosos) que os heróis prevêm no seu além mítico, aqui emana de seres e objetos deste mundo. Assim, quando se afirma que o personagem central da criação matriarcal é uma criança ou um ser infantil com

atributos que sugerem um ser divino, é preciso se ter em mente que “ser divino” tem, para estes autores, um significado de alguma forma diferente. Mas antes de prosseguir com a discussão, vamos considerar alguns exemplos.

Marcel Druon conta que, logo depois que Tistu nasceu, seus padrinhos o levaram para ser batizado e falaram ao padre que ele seria chamado João-Batista. O bebê protestou, no entanto, “como todas as pessoas grandes, que nunca entendem os protestos dos recém-nascidos e teimam em sustentar suas idéias pré-fabricadas, seus padrinhos simplesmente insistiram que a criança se chamaria João Batista.” Entretanto, logo em seguida, aconteceu um fato curioso. As pessoas-grandes descobriram que não conseguiam pronunciar o nome que lhe haviam dado, e puseram-se a chamá-lo de Tistu. “Isto”, diz o autor, “prova simplesmente que as idéias pré-fabricadas são idéias mal fabricadas, e que *as pessoas grandes não sabem mesmo o nosso nome*, como também não sabem, por mais que o pretendam, de onde foi que viemos, por que estamos aqui e o que devemos fazer neste mundo.”

Já, na segunda página deste livro, o autor anunciou seu tema: o conflito entre a sabedoria intrínseca da criança e a ignorância preconceituosa do mundo adulto. Enquanto que, a partir do ponto de vista patriarcal, sabedoria é o resultado da experiência e está associado com a idade, isto é, o “velho sábio homem”, para a mente matriarcal, sabedoria é inerente ao ser, ao invés de ser algo adquirido. Nasce pura na criança e então é esquecida.

Tistu, portanto, é alguém que sabe mais do que as pessoas grandes, seus leitores, “por que estamos aqui e o que devemos fazer neste mundo.” Além disso, a referência a: “de onde viemos”, indica que o autor pretende um significado além do processo biológico de gestação:

“Se só viemos ao mundo para ser um dia gente grande”, Druon prossegue, “logo as idéias pré-fabricadas se alojam facilmente em nossa cabeça, à medida que aumentam. Essas idéias, pré-fabricadas há muito tempo, estão todas nos livros. Por isso, se a gente se aplica à leitura ou escuta com atenção os que leram muito, consegue ser bem depressa pessoa adulta, igual todas as outras.”

“Mas, quando a gente veio à terra com determinada missão, quando fomos encarregados de executar certa tarefa individual, as coisas já não são tão fáceis.”

Então, no começo do livro já sabemos que Tistu *foi mandado ao mundo* para uma *missão especial*. Bem no final do livro, na última linha do capítulo, “descobrimos finalmente quem era Tistu”: um *anjo*.

Assim como o começo do livro nos fala de como Tistu foi mandado *para o mundo*, o final do livro nos fala dele deixando o mundo, subindo uma escada sem fim em direção ao céu, até “desaparecer para sempre naquele

mundo misterioso, do qual até as pessoas que escrevem histórias não sabem coisa alguma.” Toda a história então, é aquela na qual um ser intrinsecamente perfeito, *passa pelo mundo* como em uma visão gnóstica. Cristo desceu às trevas que não compreende a luz, e ascendeu dela depois de sua crucificação.

O ciclo de encarnação e retorno de Tistu é praticamente idêntico ao trabalho de Saint- Exupéry, o compatriota de Druon.

O Pequeno Príncipe veio dos céus, e no final do livro nos conta sobre seu retorno ao planeta de origem. Como Tistu, ele se destaca dos habitantes da terra como um exemplo de um tipo peculiar de pureza e sabedoria que é a mensagem do livro:

“... um trem iluminado, roncando como um trovão, fez tremer a cabine do manobreiro.

“Eles estão com muita pressa”, disse o Pequeno Príncipe. “*O que estão procurando?*”

“Nem o homem da locomotiva sabe”, disse o manobreiro.

E apitou, vindo em sentido inverso, um outro trem iluminado.

“Já estão de volta?” perguntou o Pequeno Príncipe. “Não. São os mesmos.” Disse o manobreiro. “É uma troca.”

“Não estavam contentes onde estavam?” perguntou o Pequeno Príncipe

“Nunca estamos contentes onde estamos.” Disse o manobreiro.

E o apito de um terceiro trem, iluminado, soou.

“Estão correndo atrás dos primeiros viajantes?” perguntou o Pequeno Príncipe.

“Não correm atrás de nada”, disse o manobreiro. “*Estão dormindo* lá dentro, ou bocejando. *Apenas as crianças* apertam seus narizes contra as vidraças.”

A criança é a única que está ativamente interessada na realidade. As pessoas grandes, em ambos os livros: *Pequeno Príncipe* e *Tistu*, estão muito preocupadas em serem importantes para lembrar o que é importante: “É o tempo que você gastou com a sua rosa que a fez tão importante”.

Enquanto que, a história de Tistu ou a do Pequeno Príncipe é de um ser que vem do além e vive a vida aqui, a típica história do herói é a que inicia sua viagem *aqui*, mas vive sua viagem heróica no além. E, no seu retorno, como o filho pródigo, a criança divina deixa este mundo, enquanto que o herói volta como um líder dos homens. A criança divina é aquela que não perdeu a consciência da sua origem, o fundamento do ser. O herói é aquele que caiu, que foi engolfado pelo mundo, mas que ainda sente o desejo de restabelecer sua conexão com sua natureza profunda. Sua busca é seu “retorno” e seu retorno ao mundo, para o mundo, é como um renascimento.

O tema do *vindo para este mundo*, mais naturalmente expressado pela criança, é o do livro de Jarrell transmitido não somente pelo menino, mas

pela sereia, pois ela é alguém que vem do oceano, além do mundo das diferenciações:

“A terra é nova.” O caçador a fitou com um olhar intrigado. Ela respondeu rapidamente, “Eles dizem que tudo de bom vem do mar. Mas a terra é nova. A terra é...” Aqui ela disse uma de suas próprias palavras, e então perguntou impacientemente: “Você tem pernas? Eu não tenho pernas. A lua é branca, o céu é preto. O que é isto?”

“Diferente?”

“Diferente! Diferente! A terra é diferente!”

O Oceano é o reino da igualdade:

“Quando há tempestades para as pessoas, não importa o quão terrível é a tempestade, a tempestade não é real – nade algumas braçadas para baixo e estará calmo lá. Lá embaixo é sempre calmo.”

“Tudo procede do oceano e volta para ele. Você pode achar qualquer coisa lá em baixo. Os navios navegam sobre ele por um tempo, mas finalmente eles afundam – e no final todas as coisas vêm para nós.”

De acordo com os habitantes do mar, tudo que é bom vem dele, e a incursão da sereia para a terra consideram como um erro. No entanto a sereia, como a criança divina, é alguém que serve de mediadora entre os dois mundos. Conhecendo a igualdade, ela deleita-se com as diferenças com o mesmo prazer daquelas crianças que, na passagem de Saint Exupéry : “apertam seus narizes contra a vidraça”. O que para os habitantes do mar é uma transição para algo pior, uma “queda”, “descida”, nós vemos através da experiência da sereia, *o presente da vida* como o milagre da encarnação. Pois a sereia não somente *veio para o mundo e precisou aprender a linguagem humana como uma criança*, mas também, é alguém que pode ver todas as coisas neste mundo com uma admiração que só é possível para quem concebe a alternativa de não ser. O herói luta pela perfeição e sofre quando impedido no seu anseio pela aventura. A sereia que pode estar satisfeita com o nada e a igualdade, pode dizer dos habitantes do mar, “eles não sabem como é estar entediado e infeliz”. Errar não faz parte da sua natureza, mas justamente por esta razão, ela pode deleitar-se nos erros: “Toda vez que *alguma coisa* dava errado, ela ria e achava engraçado.”

Pelas ilustrações e discussões acima, fica claro que a criança não é coincidentemente um personagem central nos livros que estamos falando. Nem está nos livros como um recurso simplesmente formal ou como um meio de interessar outras crianças a serem as leitoras. O eixo desses livros é a

criança, porque é ela quem melhor expressa certas qualidades.* Ainda, existem imagens alternativas que expressam algumas destas qualidades infantis. Imagens em que os significados se tornam mais claros quando direcionamos nossa atenção para as coisas propriamente infantis.

Um dos aspectos do infantil é aquele que já mencionamos: uma retidão intrínseca, uma sabedoria natural, um valor privado de existência, trazido para o mundo ao invés de resultar dele, uma qualidade de atenção ou de “estar ali”, o que é um direito inato do homem, mas que ele com muita frequência perde. Quaisquer que sejam os valores que a criança apresente, são inseparáveis do nosso ser. São os valores da nossa origem na natureza. “As coisas propriamente infantis” não são mais do que expressões não distorcidas deles, suas manifestações não veladas.

Assim a criança representa algo que no homem é sua *origem*, sua base, seu *ser* mais intrínseco, uma essência que a cultura esconde. E a atitude infantil é uma atitude da confiança na própria natureza, aceitando como verdadeiro a retidão básica da vida, em vez de assumir que a vida é um erro para ser corrigido através de esforços, como do ponto de vista do herói.

Neste seu significado de natureza não distorcida, sabedoria original, confiança nos feitos do universo e espontaneidade, o mais próximo da criança é o animal, e de fato, constatamos que animais têm uma importância particular nestes livros centrados na criança. O livro *The Animal Family* (A Família Animal) mostra isto já em seu próprio título. A professora do Pequeno Príncipe é uma raposa, e sua única ajudante uma serpente. Os únicos amigos de Tistu são os animais, com exceção do jardineiro, que sucessivamente conversa somente com suas plantas. Todos esses personagens crianças entendem a linguagem dos animais (no caso da sereia, ela compreende a dos habitantes do mar). São muito chegados a eles, e o significado disto, claro pelo contexto – explica o motivo freqüente da “compreensão da linguagem dos animais” ou a linguagem de todos os seres, nas lendas e contos de fadas.

A criança das nossas histórias pode entender os animais porque está integrada com o animal que ela é. Não se tornou alienada das bases do seu ser

* No entanto existem exceções para isto. Dentre os quatro livros da nossa amostra deste tipo, as exceções são *Charlotte*, a aranha, e a sereia. Em uma outra instância, não em nossa amostra, tem *Mary Poppins* (por P.L.Travers).

Mary Poppins, que é uma adulta, decreta a Criança Divina como o tema de chegada e partida. Através da entrada em cena como se fosse um mundo de mistério e partindo dele com a determinação que acaba por encontrar-se com a dor.

Ela não busca como o herói, mas é. Ela não viaja para um reino mágico, mas parece vir de um.

biológico. A criança, assim como o animal, é uma criatura da natureza, uma criatura não heróica que sente, precisa de calor, amor e está interessada no seu ambiente. Além disso, é uma criatura da natureza de maneira que ela é natureza. Suas ações são as ações da natureza através dela. Suas atitudes são do tipo de deixar acontecer, confiante na aceitação dos seus impulsos, em vez de manipular-se numa disciplina ascética como a do herói, que tenta superar a “fraqueza” da natureza e das necessidades pessoais.

Dos três principais personagens em *Charlotte's web*, um é uma garota capaz de entender a conversa dos animais, o outro é um porco, e o terceiro, uma aranha, a Charlotte, que dá seu nome ao livro. A aranha pendura-se em sua teia, sobre o lugar onde Wilbur fica, e durante toda a história a vemos em papéis que sugerem que ela e o porco são como o self superior e o self inferior de um ser, uma função intelectual e outra carnal, a colaboração entre as coisas que constituem a história.

Quando apresentada a Wilbur, Charlotte mostra que é carnívora; ela come carne, e Wilbur sabe que ele é carne, e a não ser por um milagre ele deixará de ser comida. O livro é sobre este “milagre” – a mágica natural e simples da aranha. Wilbur é a infantilidade *na qualidade de* criatura biológica que come, dorme, às vezes sente solidão, coça e arranha e sente-se vivo. Charlotte é a infantilidade *na qualidade de* confiança na natureza, de graça sem esforços. Considere a seguinte citação:

... Todos os sons o fizeram sentir-se feliz e confortável, pois ele amava a vida e amava fazer parte do mundo em uma noite de verão. Mas enquanto estava deitado lá, lembrou-se o que a velha ovelha havia lhe dito. Veio-lhe a lembrança da morte e ele começou a tremer de medo.

“Charlotte?” disse suavemente.

“Sim, Wilbur?”

“Eu não quero morrer”

“Claro que você não quer”, disse Charlotte com uma voz confortadora.

“... Você estava falando sério quando disse que não deixaria eles me matarem?”

“Nunca fui tão séria em toda minha vida. Não vou deixar você morrer, Wilbur.”

“Como você vai me salvar?”, perguntou Wilbur, com grande curiosidade.

“Bom”, disse Charlotte vagamente, “na verdade ainda não sei, mas estou arquitetando um plano”.

“Que maravilha”, disse Wilbur. “Como vai o plano? Já está bem adiantado?...”
Wilbur estava tremendo novamente, mas Charlotte permanecia fria e tranqüila.

Wilbur estava muito ávido para ajudar, mas quando ele perguntou para Charlotte o que poderia fazer, obteve a seguinte resposta:

“Bem”, respondeu Charlotte, “você precisa tentar se desenvolver. Quero que durma bastante e pare de se preocupar. *Nunca se apresse, nunca se preocupe!* Mastigue sua comida devagarzinho e coma cada pedacinho dela, com exceção do que você precisa deixar para o Templeton. Ganhe peso e fique bem – é desta forma que você pode ajudar.”

O que ela estava falando para o porco é “simplesmente seja você mesmo”, “faça suas coisas e me deixe fazer as minhas”. E, se os virmos como aspectos angélicos e parecidos com a criatura da nossa natureza infantil, podemos interpretar o conselho da Charlotte como: deixar cada uma das nossas funções operar de acordo com suas propensões inatas, e confiar que tudo será da melhor maneira possível.

Uma outra passagem deixa essa atitude ainda mais explícita:

Charlotte era naturalmente paciente. Sabia, por experiência, que se esperasse o tempo suficiente, uma mosca viria até sua teia, e estava certa de que se pensasse o suficiente sobre o problema de Wilbur, uma idéia viria á sua mente.

“Pare de lutar”, diz Chuang-tze, “e a transformação irá acontecer”. Este é o caminho da aranha, e o da criança divina. Este é um caminho de confiança e sem esforço, na direção oposta do caminho do herói de luta repleta de esforços. O pensamento chinês é permeado desta atitude, tão estranha ao nosso faustiano* Ocidente.

“Simplesmente sente-se e a primavera virá,” diz outro poema chinês. Não existe nada que possamos fazer para a primavera vir ou atrasá-la. Existe alguma coisa que podemos realmente “fazer”, além de deixar a vida fluir, dentro e fora? Enquanto que, para o oriental, o caminho da não-ação é a suprema ação, o ocidental não acredita que qualquer coisa importante será conquistada sem o “seu” fazer, ou que coisas se desenrolarão bem sem seu controle ou intervenção.

Esta luta que, vista pelas perspectivas mais favoráveis, parece com a busca do herói, da perspectiva da criança divina é a interferência da “gente grande” com a total retidão da natureza. Uma tentativa de corrigir um erro imaginário que torna todas as coisas muito erradas no processo.

Outro aspecto da criança nestas histórias é seu ser pequeno, *menos do que* um adulto, não desenvolvido, frequentemente subestimado, ignorado, silenciado ou rejeitado pelo mundo adulto como inocente, *pueril*, irrelevante, ou “louco”. A criança divina é a divina-dentro-da-pequenez, a divina dentro-

* NT: Referente ao dilema da condição humana de Fausto.

do-invisível, o maior bem na aparência do bom-para-nada, a sabedoria na aparência da tolice.

Saint Exupéry abre seu primeiro capítulo nos relatando que quando tinha seis anos de idade, fez dois desenhos que os “gente-grande” não compreenderam. Ao contrário, aconselharam-no a dedicar-se à Geografia, História, Aritmética e Gramática. Um deles retratava uma jibóia depois de ter engolido um elefante, o que ele acreditava ser ameaçador, mas que adultos somente reagiram com o comentário: “Por que deveria alguém ter medo de um chapéu?”

“As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças estar toda hora explicando”. Então ele nos conta que viveu sua vida sozinho, e a primeira pessoa com quem ele realmente conversou foi o Pequeno Príncipe, que imediatamente entendeu seus desenhos.

“Somente um chapéu”, a resposta vinda do mundo da gente grande percorre as páginas do livro, como um tema de muitas variações. Por exemplo, quando um astrônomo turco apresentou em um congresso internacional de astronomia sua descoberta do Asteróide B-612, onde o Pequeno Príncipe vivia, ninguém acreditou nele por causa de suas roupas típicas. Somente depois da reforma turca, quando a moda européia foi adotada em seu país e o astrônomo se apresentou novamente, todas as pessoas aceitaram seu relatório.

A sabedoria da criança, seu sentido não distorcido do que é importante, sua justiça intrínseca, são colocadas de lado como “pueris”, e isto é inseparável do tema da criança divina da mesma forma que a tragédia é inseparável da divindade no símbolo cristão da paixão. E a reação adulta de, “somente um chapéu”, é apenas mais um aspecto da alienação do homem, daquela capacidade que esses trabalhos simbolizam na sua apologia de uma criança; uma das apreciações maravilhadas e deslumbradas do mundo que é o oposto perfeito de todos os “somente”; aquele nariz-apertado-contr-a-vidraça que representa o interesse da criança no meio de um mundo indiferente, sua receptividade, sensibilidade e atenção.

Quando a mãe de Fern, em *The Charlotte's web*, soube que ela estava falando de “nós”, o que significava todos no porão do celeiro (Wilbur, a ovelha, os carneiros, o ganso e todos os outros, incluindo a aranha), ficou alarmada. E ficou mais alarmada ainda quando ela começou explicar como Charlotte parabenizou o ganso ao nascerem os gansinhos:

Depois que ela saiu do quarto, Sra. Arable sussurrou para o seu marido.

“Eu me preocupo com Fern,” disse. “Você ouviu o jeito que ela estava tagarelando sobre os animais, fazendo de conta que eles falavam?”

Mas o médico, quando foi consultado sobre o assunto, provou ter infantilidade suficiente:

“Eu sou um médico. Presume-se que médicos saibam todas as coisas, mas eu não sei todas as coisas, e eu não pretendo deixar que isto me preocupe.”

Sua sabedoria era o conhecimento da ignorância socrática, a aceitação oriental do irracional, a confiança da criança divina no que é dado:

“Eu nunca escutei ninguém dizendo nada”, ele responde, “mas isto não prova nada. É muito possível que um animal falou polidamente comigo e eu não captei o comentário porque, *eu não estava prestando atenção*. Crianças prestam mais atenção do que a gente grande.... Talvez se as pessoas falassem menos, os animais falariam mais.”

A última afirmativa, na citação acima, é particularmente expressiva com relação à filosofia de vida revelada através deste grupo de livros. “Se as pessoas falassem menos” pode também ser entendido como: “se as pessoas absorvessem mais dos caminhos da natureza”. A visão passiva, como a da aranha paciente, é de que todas as coisas desejáveis virão sem esforços se nós somente as *deixarmos acontecer*, sem nos apressarmos com nosso pequeno ego hiperativo e louco-controlador. De certo modo, a pequenez da criança sugere não somente um defeito aos olhos do mundo adulto, mas também a maior vantagem da discrição. Porque a discrição no projeto divino da natureza é tudo que o homem pode aspirar, no que se refere à vida. E ao tornar-se propriamente humilde perante as grandes leis, pode depositar sua verdadeira grandeza. Na sua pequenez não arrogante, a criança atinge o que um mestre zen proclamaria como o estado ideal do homem: viver com um coração vazio, que pode então ser preenchido pelo mundo.

Considerando a discussão acima, poderíamos reformular a divina criança como uma divina pequenez, isto é, o que é divino é precisamente estar-fora-do-caminho, o vazio que permite todas as coisas estarem nos seus devidos lugares, e que, do ponto de vista de um ego grandioso e imaginativo, é uma não-entidade desprezível. Esta ausência de *características do estado adulto*, com todos os seus palavrórios do fazer e correrias, não é um vazio negativo, mas precisamente o oposto, um vazio que a vida preenche sem estar sempre cheio. De maneira oposta, aquele que está cheio de si, de tentar, e de idéias prontas, não tem espaço no seu coração para o mundo, ou para seu emissário, a criança.

O paradoxo da pequenez, que é a grandeza da criança divina, “o último será o primeiro”, passa pelos episódios destes livros em vários níveis, e é expressado

através de outras idéias, além das do infantil, do silêncio, dos “objetos não importantes”, da importância do detalhe, etc.

Um exemplo desta idéia é fornecido pela Charlotte, a aranha. Ela era quase invisível para o porco, e apesar de ter sido capaz de manipular homens para salvar a vida do porco, ela não poderia permanecer anônima. Além disto, nesta história, seu poder-na-pequenez se tornou eficaz pelo ato altamente intencional, e ao mesmo tempo mínimo, de tecer em sua teia acima do chiqueiro as palavras, **GRANDE PORCO**. Isto foi considerado um milagre pelos fazendeiros, e uma evidência - não de uma aranha especial – mas de um porco especial:

“Não fale disso para mais ninguém” disse o ministro. “Não sabemos ainda o que significa, mas talvez se eu pensar um pouco sobre isso, posso explicar em meu sermão e ressaltar o fato que esta comunidade foi visitada por um assombroso animal.”

O efeito do trabalho de Charlotte ecoa novamente o tema do poder do pequeno. Estas frágeis *palavras* na teia da aranha, mobilizam toda a vila. Mais tarde na história, a palavra na teia mudará para “espetacular”, e novamente podemos ver como *a idéia cria a realidade*:

“Lurvy”, ele chamou, “não é mais para jogar esterco de vaca no chiqueiro. Eu tenho um porco espetacular. Quero que ele tenha todo dia palha limpa e brilhante para forrar seu chiqueiro. Entendido?”

Assim, a mera invisibilidade da aranha, seguida da intangibilidade da idéia, controlando o curso dos eventos, fala de um poder do espírito que pode dominar tudo aquilo que os homens usualmente chamam de poder: a vitória do intangível sobre o tangível e do significado sobre a matéria. Em *Tistu, o menino do dedo verde*, esta é uma vitória da beleza sobre o poder da economia e política, pois seu presente escondido resultou no embelezamento das favelas e da suspensão de uma guerra. Isto, que pode ser interpretado como uma simples metáfora, até mesmo os economistas estão agora começando a acreditar. Geralmente, o que não tem nenhuma importância econômica é o que leva a um desenvolvimento econômico, enquanto que uma ordem baseada na administração de bens reconhecidos, pode levar à esterilidade e estagnação.

Em *Pequeno Príncipe*, a pequenez é expressada através de uma variedade de imagens, muitas das quais enfatizam o valor da qualidade em vez da quantidade, da intenção em vez da extensão, do significado e dos sentimentos em vez de aparências externas:

“Tu não és tão poderosa assim... não tens nem patas... não podes sequer viajar...”
“Eu posso carregar-te mais longe que um navio – disse a serpente.”
“Ela era somente uma raposa como cem mil outras raposas. Mas eu a tornei minha amiga, e agora ela é única em todo o mundo.”
“Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.”
“A casa, as estrelas, o deserto – o que os torna belos é invisível...!”
“Esta água era muito mais que um alimento. Nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço do meu braço.”
“Os homens do teu planeta”, disse o Pequeno Príncipe, “cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim - e não encontram o que procuram, no entanto, o que procuram poderia ser encontrado numa só rosa, ou num pouco de água.”

Depois de termos discutido a criança como - a retidão original e não distorcida da natureza e como o poder da pequenez e fragilidade - podemos prosseguir considerando o terceiro aspecto do tema que transforma estes livros, centrados na criança, essencialmente em livros que transmitem sentimentos mais suaves; a criança como uma doadora e uma receptora do amor.

Está na essência desta retidão não distorcida da natureza ser amada e ser amável. A fraqueza e pequenez da criança é apresentada por estes autores, como um fator de acréscimo de amabilidade:

“Tenho pena de você – você é tão fraco nesta terra de granito.” Disse a serpente ao Pequeno Príncipe no seu primeiro dia na terra. “Posso lhe ajudar um dia, se você tiver muita saudade do seu planeta.”

A doação e o recebimento do amor estão entrelaçados na história da garotinha Fern e do porco Wilbur, que dividia o papel da criança nos primeiros capítulos de *The Charlotte's Web*: “Onde o papai está indo com aquele machado?”, começa o livro. Alguns porcos tinham nascido e o fazendeiro pretendia matar os fraquinhos da ninhada. São muito *pequenos e fracos e não vão se tornar nada*.

“Fazer o que com eles?” chiou Fern. “Você quer dizer assassiná-los?” Só porque são menores que os outros?”

As próximas duas páginas são sobre um relato da sua intercessão pelo porco, enquanto tentava tirar o machado das mãos do seu pai. “Mas não é justo”, ela repetia. “O porco não tem culpa de ser pequeno, tem? Se eu fosse muito pequena quando nasci, você teria *me* matado?”

Finalmente ela venceu, e agora ficou por sua conta cuidar do animalzinho, tratando dele com uma mamadeira. “Ele é seu”, disse o Sr. Arable. “Salvo de uma morte prematura e que o bom Senhor possa me perdoar por esta *tolice*.”

O infantil de Fern é expressado pela sua abertura em deleitar-se com “o animalzinho fraco” que os seus pais iriam descartar. Identificar-se com o pequeno animal e assim adotá-lo: “Oh, olhe para ele! Ele é absolutamente *perfeito!*” O infantil de Wilbur é manifesto em seu deleitar-se com Fern, e deixar-se adotar. “Wilbur *amava* seu leite e não podia estar mais feliz do que quando Fern aquecia a mamadeira para ele. Ele se levantava e a contemplava com olhar de *adoração*.”

Coloquei em itálico “*amava*” e “*adoração*” para enfatizar que além de uma simples escolha de palavras, existe amor e adoração no receptor bem como no doador. E a Fern está “dando” o cuidado ao porco. Este é o presente que “recebeu” de seu pai por sua insistência. Nós, que somos “gente grande” separamos o conceito de dar e receber, chamando o primeiro de mais nobre e equacionando isto com “amor”. O amor, que a criança nos nossos livros representa, é então ou os dois ou nenhum, assim como o bebe mamando no seio de sua mãe, causa na mãe um presente fisiológico e lhe dá prazer. Tal amor, é o amor do ser, além dos conceitos de dar e receber, a ação do momento, apesar de ganhos ou perdas: “É o tempo que você gastou com sua rosa que a torna tão importante.”

A criança está satisfeita de uma maneira não heróica, naquilo que ela dá para o que está à mão, e se percebe durante este processo. O herói está sempre se preparando para a busca, e mesmo quando acontece o feito heróico, ele se doa só aparentemente, pois age a partir do interesse e do esforço pessoal, e não da generosidade.

Quando o Pequeno Príncipe, no seu caminho para a terra, parou em diferentes tipos de planetas, habitados por diferentes tipos de aberrações humanas (as quais, mais tarde, descobriu em nosso planeta em grande quantidade), chegou em um onde não havia mais ninguém, exceto um acendedor de lampiões. E não havia mais nada, exceto um lampião de rua. “Pode até ser que este homem seja um tolo”, ele disse, “mas é menos tolo que o rei, que o vaidoso, que o empresário, que o beberrão. Seu trabalho ao menos tem um sentido. Quando acende o lampião, é como se fizesse nascer mais uma estrela ou uma flor.” E mais tarde, acrescenta: “No entanto, ele é o único que não me parece ridículo. Talvez por ser o único que se ocupa de outra coisa que não seja ele próprio.”

Esta qualidade de “pensar em outra coisa que não seja ele próprio” não é somente o que consideramos convencionalmente amor, mas sobretudo o que já discutimos sobre a abordagem da criança a respeito do mundo: seu interesse representado pelo nariz-apertado-contra-vidraça, seu deslumbre, sua disposição de “perder” tempo com o “não importante”, seus ouvidos afiados à conversa dos animais, perceptível em seu próprio silêncio, sua qualidade de

tirar o melhor das coisas já esperadas e seu deixar ser. De alguma maneira, a criança não tem nada para *entregar* quando ela doa, pois ela é um nada preenchido pela natureza. Um adulto, do tipo que nos foi apresentado nesses livros da criança, em contraste com a criança, teria que se entregar. Desistir de suas “idéias pré- concebidas”, sua preocupação com as “coisas importantes”, poder, ordem, riquezas, etc. Um amor que para o último seria um auto-sacrifício e uma rendição, para a criança é natural e mais fácil pois ela não tem (ou não é) nada para sacrificar, e o render-se à vida é sua própria essência. Como disse a sereia, com um erro de fala - de acordo com o caçador - dando mais sentido à afirmação: “Deixe e viver deixe.”

A culminação do tema do amor é vista como uma questão que constitui um motivo em si mesmo e que coloca as histórias da criança e os contos do herói em um forte contraste. Este é o amor do “não amável” ou do “não amoroso”; amor da falta, perturbador, ou pelo menos, o que pode ser considerado assim com relação a outro ponto de vista que não aquele do amor.

Um aspecto desse tema nós já encontramos: a fragilidade da criatura que mais naturalmente evoca a resposta de amor. No entanto, amor é amor do “pequeno”, isto é, amor de um ser por ele mesmo, além das conquistas, utilidade, habilidade, e tudo mais que possa constituir sua “grandeza”. O “amor” do herói pela grandeza não é realmente amor, mas admiração, anseio, satisfação própria na confirmação do seu ideal. Mas quando Fern salva seu porquinho do machado de seu pai, o porquinho que o fazendeiro disse, “um fraco dá problemas”, era, como ela mesma definiu, “uma questão de vida e morte.”

Assim, referindo-se ao amor pela criatura na qualidade de criatura, o qual representa muito do amor pela criança e por animais, estamos já entrando nos domínios do amor-pelo-deficiente. Não é nenhuma falta de amor, pois o que é amado é a vida em si, através das suas manifestações particulares. E quando o Ser é amado além das suas qualidades, não existe pequenez, ineficiência, incapacidade. De alguma maneira, pode ser dito que o amor puro é incondicional. É por isso que o caçador estava feliz o bastante de viver com a sereia, sem ligar que ela não cuidava da casa para ele. “Se você tivesse uma foca com quem pudesse conversar, gostaria que ela varresse o seu chão?”, disse ele. O que ele poderia ter dito de maneira mais simples era: “Se você tivesse uma foca que pudesse ser uma foca...”

Ele estava muito satisfeito de ter uma sereia, simplesmente pelo que ela era, não por algo que pudesse ser, assim como o Pequeno Príncipe amava sua frágil rosa por ela própria.

O mesmo que se aplica para a falta, a fragilidade e a ausência de conquistas, pode também ser aplicado para os mais variados erros. Afinal,

enquanto que, a mente com o propósito orientado verá o erro como um obstáculo, odiando cada movimento errado ou interferência da sua conquista, o amor pela existência livre de propósito pode rir dos erros, ou considerá-los com compaixão pelo sofrimento dos humanos que precisam julgá-los tão duramente. Então, quando Jarrell enfatiza que a sereia praticamente não conhecia erros (enfatizando a perfeição intrínseca da natureza), mas sim, ria e ficava com comichão quando qualquer coisa dava errado, somos convidados a meditar se existe alguma coisa parecida com um erro, do ponto de vista da natureza, e se o que chamamos de erros não são meramente falta de encaixe entre os eventos, e os desejos arbitrários de nossos egos.

Uma terceira expressão de incondicionalidade no amor, além da sua persistência e fé na ausência de fracasso, é a capacidade de aceitar as distorções mais entranhadas no ser de uma pessoa na forma de psicopatologia.

No princípio, o Pequeno Príncipe teve problemas em amar sua rosa neurótica:

Assim, ela logo começou a atormentá-lo com sua doentia vaidade, que era, verdade seja dita, um pouco difícil de lidar. Um dia, por exemplo, falando dos seus quatro espinhos, disse ao Pequeno Príncipe: “Deixe os tigres virem com suas garras!”

“Não há tigres no meu planeta” – retrucou o Pequeno Príncipe.

“Além disso, tigres não comem ervas.”

“Não sou uma erva,” respondeu a flor suavemente.

“Por favor, me perdoe....”

“Não tenho medo dos tigres,” disse ela, “mas tenho horror das correntes de ar. Você não teria por acaso um pára-vento?”

O Pequeno Príncipe começou a pensar que esta era uma criatura muito complexa, mas logo começou a duvidar dela e sentiu-se muito infeliz. Somente durante sua estada na terra, o Pequeno Príncipe aprenderia mais sobre o amor, de maneira que poderia dizer: “aquela história das garras, que tanto me irritara, devia ter-me enternecido o coração.”

Ainda assim, a vaidade da rosa não é um grande erro no livro de Saint Exupéry. Em geral, o mundo das pessoas grandes é essencialmente um mundo dominado pelo masculino, pela posse, pela necessidade de honras e aplausos, que ele nos mostra através da viagem do Pequeno Príncipe de planeta a planeta. Se existe qualquer coisa antagônica à criança, é a pessoa grande. Mas o antagonista está somente de um lado. Enquanto o infantil está, nesses trabalhos, condenado à não existência pelos valores das pessoas grandes, o Pequeno Príncipe somente interage perplexo com os vários personagens que encontra e observa: “as pessoas grandes são muito estranhas”, ou mesmo, “As pessoas grandes são de todo jeito extraordinárias.”

O contraste entre as atitudes da criança e das pessoas grandes com respeito aos desvios, fica mais claramente expressado pela seguinte citação de Tistu, que está recebendo instruções particulares do gerente de Sr. Papai, Sr. Trovão:

“A lição de hoje é sobre *ordem* ... O que na sua opinião é mais importante numa cidade?

“Os jardins botânicos”, disse Tistu.

“De maneira alguma,” replicou Sr. Trovão. “A coisa mais importante numa cidade é a ordem. Sem ordem, uma cidade, um país, uma sociedade, não passam de um sopro e não podem sobreviver. A ordem é uma coisa indispensável. E, para manter a ordem, é preciso punir a desordem.”

“Decerto o Sr. Trovão tem toda a razão,” pensou Tistu. “Mas para que gritar desse jeito...”

“Preste atenção, Tistu. O que é ordem?” Perguntou o Sr. Trovão em tom severo.

“Ordem? É quando a gente está contente.”

“Hum, hum!”, resmungou o Sr. Trovão, e as suas orelhas ficaram mais vermelhas do que de costume. Logo depois, Sr. Trovão mostraria a prisão para Tistu, uma imensa parede cinzenta, sem uma única janela, que ele considerava “um monumento de manutenção da ordem.”

“Por que o construtor colocou essas horríveis pontas de ferro por toda parte?” Perguntou Tistu. “Para que elas servem?”

“Elas impedem que os prisioneiros fujam.”

“Se a prisão não fosse tão feia” disse Tistu, “talvez eles tivessem menos vontade de fugir.”

...”Você deveria saber que um prisioneiro é um homem mau.”

“E colocam o prisioneiro aqui para curar sua maldade?” perguntou Tistu.

“experimentam...”

“Certamente eles aprenderiam bem mais depressa se o lugar não fosse tão feio...”

...Tistu viu, atrás das grades, prisioneiros caminhando em círculos, de cabeça baixa e sem dizer uma palavra.

Pareciam terrivelmente infelizes, com a cabeça raspada, as roupas listradas e os sapatos grosseiros.

“O que eles estão fazendo?”

“Estão na sua hora de recreio,” disse o Sr. Trovão.

“Imagem!” pensou Tistu, “se o recreio deles é assim, o que não serão as horas de aula! Esta prisão é mesmo muito triste.” Ele sentia vontade de chorar, e não disse uma só palavra no caminho de volta.

O contraste entre a compaixão da criança divina e a agressão vingativa e autoritária dos seres humanos comuns é mais uma forma da expressão de contraste entre as atitudes de mentes patriarcais e matriarcais. Enquanto o anterior é corretivo e espera desenvolvimento, progresso ou bondade, como resultado de um esforço aplicado, o último confia na tendência autocorretiva da natureza, e na bondade intrínseca do homem. Isto é oriundo não da

correção, mas da ajuda, e esta ajuda é vista sucessivamente como uma restauração de algo natural, o mero preenchimento de necessidades básicas.

A ajuda de Tistu veio de seu “dedo verde”, seu dígito miraculoso e secreto que podia fazer plantas crescerem de um dia para o outro, onde quer que seus dedos tocassem. A imagem da força da natureza é expressiva naquilo que ele representa, e ele nada mais é do que um veículo. Assim como explica seu professor, Sr. Bigode: “Veja, existem sementes por toda a parte, não somente na terra, mas nos telhados das casas, no peitoril das janelas, nas calçadas, cercas e muros. Milhares de centenas de sementes que não se tornam nada. Lá estão elas, esperando por um sopro de vento que as leve até um jardim ou um campo. Mas geralmente elas morrem entre duas pedras, sem a chance de se tornarem flores. *Mas se um dedo verde desperta uma delas, seja lá onde for, as flores brotaram rapidamente.*”

A criança divina é aquele dedo verde.

E a semente. E a flor.

No final do livro de Druon, quando Tistu com seu dedo verde conseguiu parar uma guerra (para o sofrimento de muitas pessoas grandes) o próprio Sr. Trovão admitiu: “Não é bom tentar contrariar as forças da natureza.”